

Entre ciência e arte: o equilíbrio entre teoria e prática como formadoras de experiência para o método do ensaio¹

Simone MACCARI²

Christian PETRINI³

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

RESUMO

Este texto tem por objetivo refletir sobre a importância do ensaio como uma prática textual que evidencia a construção do conhecimento a partir da experiência. Uma reunião entre teoria e prática que transita entre subjetividade e objetividade, possibilitando assim a presença da autoria na construção dos saberes. Evidenciar que o conhecimento é histórico, portanto, em constante construção no espaço e no tempo. Por isso, o ensaio, sem perder o rigor, ao promover o constante diálogo entre sujeito e objeto, seria uma das formas de escritura mais adequada para a construção do saber, pois envolve tanto a reflexão sobre o tema tratado, quanto a sua forma de apresentação. A partir das reflexões de Adorno, Starobinski e Flusser se busca compreender quais as características do ensaio enquanto método de escrita e abordagens para a construção de um olhar distinto sobre a produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: ensaio; teoria do conhecimento; comunicação; experiência.

INTRODUÇÃO

Mostrar-se. Essa é uma das características determinantes do ensaio enquanto forma de escrita, quando levamos em consideração que o autor deve ponderar todo o seu repertório para produzir um texto livre que reflita uma capacidade de exposição e diálogo. A habilidade de construir um argumento próprio frente a um debate ou tema, no qual o autor expresse uma posição pessoal, de maneira a impulsionar um pensamento crítico frente ao mundo e suas vicissitudes, uma questão que passa tanto pelo conhecimento adquirido, quanto experimentado.

Para compreender o ensaio, como uma escrita fundamentada na experiência, é preciso ter em mente, que o que a define é aprendizado. A experiência envolve tanto aspectos ligados ao aprendizado a partir da prática, como também a aquisição de fundamentação teórica. É no constante diálogo entre o prático e o teórico, entre o pensar

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social da UMESP, e-mail: simacballa@gmail.com

³ Doutorando do Curso de Comunicação Social da UMESP, e-mail: chris_petrini@yahoo.com.br

e o executar que a experiência transita, abrindo horizontes para que o indivíduo possa compreender seu entorno e posicionar-se frente ao mundo. Assim a experiência sedimenta saberes e ao mesmo tempo o redimensiona, criando novas perspectivas.

É a partir da experiência que estabelece um diálogo constante, entre o vivido e o pensado, que se constrói uma base de conhecimento que irá fundamentar qualquer tipo de argumentação. É da relação de equilíbrio, entre a teoria e a prática do conhecimento adquirido, que um autor desenvolve um pensamento que lida com uma realidade específica, fruto de um determinado contexto histórico e cultural, de forma a interpretá-la e compreendê-la em sua especificidade.

O ensaio, como forma de escritura a partir da experiência, permite uma liberdade de expressão e a articulação de um olhar mais individualizado, oferecendo ao autor ferramentas que o possibilitam explicitar sua voz e ponto de vista, sem estar limitado por estruturas rígidas ou normas pré-definidas. Assim o ensaio cria uma tensão entre a vida e o pensamento, entre o imediato e o eterno, que afetam o autor e interferem sobre o seu discurso, justamente porque podem alterar a interpretação do real.

A forma ensaística transita entre a ciência e a arte, pois ao mesmo tempo valoriza a fundamentação teórica, a subjetividade e a intuição, o que lhe dá um caráter mais experimental, sem perder uma determinada organização sistemática em sua arquitetura textual. O ensaio não é um texto puramente artístico ou essencialmente científico, ele estabelece uma relação dialógica entre um campo e outro, não perde de vista o conceito a ser desenvolvido, porém o constrói desde uma perspectiva estética. Sendo assim, o ensaio tem como fundamento de sua construção uma relação intrínseca entre forma e conteúdo, entre história e pensamento.

Portanto o presente artigo busca responder quais as características do ensaio enquanto procedimento de escrita, quando analisado sob a luz da experiência. Como o entrelaçamento entre objetividade e subjetividade – o vivido e o pensado – levam à construção de um conhecimento crítico e maior compreensão da complexidade do mundo.

Para tanto, será usado como base da fundamentação teórica, textos de Theodor Adorno, Jean Starobinski e Vilém Flusser, autores que defenderam o ensaio como método de análise e reflexão, em diferentes contextos históricos, com a intenção de evidenciar o ensaio como uma prática de construção textual pessoal e crítica, ressaltando sua representatividade como forma de produção de conhecimento.

Em seu texto *O ensaio como forma*, Theodor Adorno defende a ideia de que o ensaio, ao contrário do pensamento dogmático, parte da experiência própria de cada um, entendendo que a experiência individual, é por natureza, mediada por uma experiência histórica mais abrangente. Se a lógica discursiva científica busca uma subordinação e hierarquização de conceitos, o ensaio vai em outra direção, busca a coordenação de tais conceitos, podendo trazer à luz novos olhares e novas formas de conhecimento que colocam o subjetivo em evidência e aceita a realidade como instável e constantemente em mudança.

Jean Starobinski com seu texto *É possível definir o ensaio?* faz uma ampla reflexão ao redor do ensaio, desde a origem e da ancestralidade da palavra usada para nomear o método, passando pela expansão da prática na Europa e pelo estigma, que foi relacionado ao método, principalmente no início de sua trajetória. Dedicou algumas páginas de seu texto ao ensaísta Montaigne, tido como principal adepto do método, ao propor uma escritura mais livre onde a forma necessariamente se adapta ao conteúdo, à medida que representa uma interioridade humana, que está em constante metamorfose sob a égide do tempo.

Ensaaios, de Vilém Flusser, se mostra como um significativo exemplo da forma ensaística pois, em sua construção textual faz ao mesmo tempo uma reflexão sobre o ensaio como forma de escritura e tece um diálogo com o pensamento de diversos autores, prescindindo das citações e optando por uma construção estilística mais pessoal em sua argumentação. Ou seja, além de se apresentar como um ensaio que aborda o ensaio enquanto método, o texto apresenta tal característica marcante na escrita do autor tcheco-brasileiro, o que concorda com a forma ensaística onde o autor se posiciona, não somente no conteúdo escrito, mas também na forma como se expressa.

A investigação e desenvolvimento do presente artigo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica teórica e exploratória com a intenção de compreender o ensaio como prática de construção textual que reúne em um mesmo corpo qualidades científicas e estéticas que afloram a partir da experiência.

A FORMA ENSAÍSTICA SEGUNDO T. W. ADORNO

A forma ensaística é pensada por Adorno, como um meio de produzir conhecimento que se coloca entre as tradições acadêmicas-científicas e a arte, pois prima pelo valor conceitual e se mostra a partir da expressividade, é por meio desse diálogo que

o ensaio busca explorar a complexidade da experiência humana. A forma ensaística não desmerece o aspecto teórico-conceitual, o toma em profundidade, por meio da liberdade criativa do autor, à medida que o permite explorar o seu objeto de estudo a partir de suas inquietações e experiências de vida, ligadas a um determinado contexto histórico-cultural.

Os conceitos abordados ao longo de um ensaio, são tecidos a partir de um jogo entre objetividade e subjetividade, entre conhecimento produzido pela humanidade e a sua interpretação, em um determinado espaço-tempo, que traz à luz novas formas de abordagem. É por meio desse entramado que o texto ganha corpo e densidade, ao mesmo tempo que explicita a presença do autor, pois particulariza a abordagem à medida que ele expõe o seu ponto de vista.

Portanto escrever de forma ensaística implica, em conceber um texto, onde a forma e conteúdo estão constantemente em um diálogo profundo. Em outras palavras, o “como” apresentar o texto passa a ser tão importante, quanto o que “diz” o texto, pois é a partir desta relação que o pensamento se expressa e se relaciona com o mundo. A construção de sentido e significados se dá a partir da dialética entre o conteúdo e a forma de abordá-lo, ao reunir em um mesmo corpo o conhecimento e sua demonstração. Nesse sentido o ensaio não se resume a um gênero, mas sim a uma expressão intelectual, na qual o autor se faz presente.

A linguagem, em um ensaio, não é algo dado como uma fórmula a ser seguida, pelo contrário, ela tem um caráter singular que transforma o texto em algo único. Um recurso particular de construir a dinâmica do pensamento a ser exposto, que está refletida na forma como o texto é elaborado e cria significados. O diálogo entramado, entre a maneira como é apresentado o texto, e o conteúdo manifesto por ele, faz do ensaio uma forma de expressão intelectual que permite uma exploração crítica e reflexiva de questões complexas ao redor do pensamento e do próprio mundo.

O ensaio, na visão de Adorno, viria a ser uma forma de se envolver com o conhecimento evitando simplificações excessivas, possibilitando assim, a tessitura de um pensamento, ao mesmo tempo, profundo e original. Uma forma que permite ao autor explorar livremente seus pensamentos, ideias e experiências e assim transformar o texto em algo forte e tocante. A forma ensaística não procura captar uma verdade absoluta sobre as coisas, os eventos, os objetos e as ações, tampouco sobre o mundo e o universo que tenham validade para todos e todos os tempos, compreende a verdade como algo construído e histórico, daí seu caráter aberto e ao mesmo tempo delimitado. A verdade

não se situa além dos fatos, mas é fruto indissociável do próprio movimento do pensamento, desvelando-se ao longo do processo.

Assim pensar de forma ensaística significa refletir a partir de fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada. É por meio das fraturas que o ensaio encontra sua unidade, penetra nos detalhes e irrompe em miniaturas, a mera realidade existente, isso porque a razão não pode captar o real em sua totalidade. “A harmonia uníssona da ordem lógica dissimula a essência antagônica daquilo sobre o que se impõe. A descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso [...]” (Adorno, 2003, p. 35).

Ao apontar para o fragmentário e o acidental, como instâncias necessárias para uma adequada compreensão da realidade, a relação entre o autor e seu objeto de análise passa a ser transitória e contextualizada, permeada pela subjetividade, que permite ao autor explorar um ponto de vista particular, construído a partir de sua experiência. O ensaísta não define conceitos, mas sim vai precisando-os no texto, à medida que os desdobra e os relaciona, por isso o ensaio assume a forma de exposição.

Theodor Adorno defende a ideia de que o ensaio possibilita novas formas de expressão e pensamento pois não está em busca de uma verdade totalizante e única, ao contrário, abre-se para novos sentidos e interpretações ainda não vislumbrados. Portanto, a busca da verdade é constantemente remetida a uma existência particular e a uma experiência vivida em um determinado espaço e tempo. Nesse sentido há uma mediação entre história e indivíduo o que permite pensar os conceitos de forma aberta, sujeitos às mudanças e revisões, refinando assim, nossa compreensão da realidade.

O ensaio também tem uma preocupação com o caráter formal de sua apresentação pois ao longo de sua exposição deve ser perceptível o elo entre o pensamento conceitual e a intuição estética; organiza o pensamento de maneira a criar vínculos entre intuição e conceito, imagem e signo. Portanto o ensaio pode ser considerado uma forma híbrida, pois ao mesmo tempo que lida com o rigor científico, abre espaço para a proposição de um pensamento mais subjetivo, onde é explicitado uma posição pessoal, o que o vincula com a própria vida. Sua forma é orgânica, sendo assim, o ensaio questiona a fronteira entre ciência e arte, pois aproxima a objetividade e racionalidade da imaginação e subjetividade, diminuindo os limites existentes entre elas.

Adorno aponta para a ideia de que um ensaio tem a dualidade como característica de sua essência, pois ele é ao mesmo tempo “aberto e fechado” o que o distancia de um pensamento mais tradicional. A abertura do ensaio refere-se ao fato que ele não está

restrito a uma estrutura rígida, o que significa que ele pode lidar com uma ampla gama de tópicos e questões, permitindo ao autor explorar nuances e perspectivas diferentes que enriquecem a análise. Por outro lado, o fechamento do ensaio diz respeito à necessidade de coerência interna e estruturação do pensamento, pois a análise deve ter uma direção clara e um foco, construído por meio de argumentos cuidadosamente organizados que devem transmitir uma mensagem significativa e coesa. Segundo o próprio Adorno (2003, p. 44), o ensaio “[...] é mais dinâmico que o pensamento tradicional, por causa da tensão entre a exposição e o exposto. Mas, ao mesmo tempo, ele também é mais estático, por ser uma construção baseada na justaposição de elementos”. A flexibilidade e a profundidade são combinadas formando conexões transversais entre os elementos, para assim criar uma forma única de comunicação que implica uma reflexão crítica.

Portanto o texto ensaístico vai na direção oposta à uma interpretação do mundo baseada na ideia de compartimentalização e especialização que busca a ordem natural dos eventos, pois entende que os saberes se dão dentro da cultura, que é algo construído e em constante transformação. O ensaísta não lê e escreve para a eternidade, como tampouco para todos, mas sim para um tempo e contexto cultural determinado. Como coloca o próprio Adorno (2003, p. 17): “Ele não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar: diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer: ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos”.

Para o ensaísta, escrita e leitura são lugares de experiência, pois o ato de escrever e ler não é apenas sua tarefa, é também o seu problema, ou seja, alguém que ensaia a própria escrita cada vez que escreve e que ensaia as próprias modalidades de leitura cada vez que lê. A forma ensaística propõe olhar de uma maneira diversa o âmbito do pensável e do dizível, ou seja, nos ensina a pensar e falar de um modo diferente, onde a razão tem um caráter mais vital, pois está constantemente problematizando a própria vida, como pontua Cesar Aira (2018, p. 236) no texto *O ensaio e seu tema*: “O ensaísta deve ser inteligente, mas não demais, deve ser original, mas não demais, deve dizer algo novo, mas fazendo-o passar por velho”.

O MÉTODO DO ENSAIO SOB A ÓTICA (E EXPERIÊNCIA) DE STAROBINSKI

Inicialmente, vale ressaltar que o texto *É possível definir o ensaio?* de Jean Starobinski, trata do tema ensaio de uma maneira bem ampla. O ensaio se inicia com a

origem e a ancestralidade do termo usado para nomear o método, detalha a expansão da prática na Europa, abordando também o estigma que foi relacionado a ele, principalmente no início, e finaliza seu desenvolvimento dedicando algumas páginas do texto ao ensaísta Montaigne, tido como principal adepto do método.

É interessante destacar que o autor começa seu texto lançando algumas perguntas pertinentes para uma reflexão sobre o ensaio enquanto método. Starobinski (2011, p. 13) questiona se é possível definir o método do ensaio, quando se admite que o ensaio em si não se submete a nenhuma regra? Além dessa reflexão, o autor questiona também quais as condições, os deveres e os desafios do ensaio e qual o poder que esse método de escrita tem para se diferenciar dos demais.

Não que Starobinski chegue a responder essas perguntas de forma direta, mas o ensaio escrito por ele, acaba por elucidar alguns pontos relacionados. Além disso, é válido mencionar que tais questionamentos, ainda que não respondidos diretamente, se entrelaçam com o que descrevemos anteriormente, sobre o ensaio estar em uma constante metamorfose sob influência do tempo, à medida que se trata de um método que representa a interioridade humana e que se expressa sob uma forma de escrita mais livre, onde o conteúdo se adapta a essa forma de escrita.

Tendo como base as origens e definições do termo, Starobinski (2011, p. 14) descreve que o ensaio pode ser entendido como uma forma de *pesagem exigente* e um *exame atento*. Uma forma de *exame verbal* impulsionado pela liberação do impulso.

Os conceitos de pesar e ponderar, derivados das origens e das definições do termo, se apresentam como uma característica do ensaio que, por sua vez, está diretamente ligada ao objeto do presente artigo: o equilíbrio entre o repertório adquirido em todos os sentidos, a ponderação entre a teoria e a prática para construção de um texto livre.

Por fim, ainda dentro do espectro originário, Starobinski descreve que o ato de *ensaiar* teve por concorrente, os termos *provar* ou *comprovar*. Segundo o autor, essa concorrência foi enriquecedora, uma vez que fez do ensaio, sinônimo de *pôr à prova*, de uma *busca da prova*. Isso faz com que Starobinski admita que a melhor filosofia acaba por se manifestar sob a forma do ensaio, sendo este: verdadeiras cartas de nobreza semântica (Starobinski, 2011, p. 14).

Esse trecho do texto em que Starobinski se dedica à origem e à definição do ensaio, já nos auxilia a entender o método como uma forma de escrita que equilibra a

teoria e a prática. A própria etimologia da palavra nos leva a entender a prática como uma mescla entre arte e ciência.

Ao conduzir seu ensaio para um contexto mais histórico, o autor passa para a evolução e a expansão do método na Europa e ressalta que se deve evitar a crença de que o método do ensaio tenha uma trajetória triunfal.

O autor menciona que (2011, p. 14) a perda do caráter dialógico do ensaio fez com que, no Reino Unido, o método designasse uma publicação em que são propostas novas ideias para um problema já existente, ou seja, uma interpretação original de uma questão controversa. É com este *valor* que o ensaio será frequentemente empregado em alguns países da Europa, podendo-se admitir, inclusive, que o ensaio nunca foi universalmente reconhecido, principalmente no início do ensaio como método de escrita científica.

A partir daqui Starobinski começa a dedicar as demais páginas do ensaio em questão a Montaigne, considerado o principal nome desta prática de escrita, com sua obra *Essais*, esta por sua vez considerada a obra de origem do ensaio enquanto método. Tanto que o autor descreve Montaigne como um dos primeiros filósofos que se declarou ensaísta (Starobinski, 2011, p. 16).

É aqui que fica mais evidente o contexto da importância da experiência para a escritura de um ensaio, no texto de Starobinski, quando o autor comenta que na obra *Essais*, Montaigne escreve sobre assuntos que podem ser vistos como irrelevantes para a academia, como por exemplo, a morte e a relação dele com o próprio corpo. Contudo, ainda que Montaigne dialogue sobre temas cotidianos ou tidos como irrelevantes, fica clara a importância da erudição do filósofo para temas diversos, frutos de um estudo teórico prévio, que possibilitaram que ele discorresse sobre tais assuntos, relacionando-os com pensamentos próprios, fantasias, angústias e com passagens vividas por ele, ou seja, experiências adquiridas.

Além de destinar as páginas finais de seu ensaio a Montaigne, mas ainda tendo em mente o ensaio como método, Starobinski (2011, p. 17) determina que devemos constatar que o traço particular do ensaio é a pluralidade. A multiplicidade de pensamentos é o que caracteriza e legitima o caráter do título *Ensaaios*.

Concordando com o que aqui definimos como equilíbrio entre teoria e prática, o autor comenta que é possível discernir duas vertentes do ensaio: uma objetiva e outra subjetiva. O trabalho do ensaio visa estabelecer uma relação indissolúvel entre essas duas vertentes, ou seja, não se trata de optar por um ou por outro, mas sim ponderar as duas

correntes. Segundo Starobinski, na vertente objetiva, o campo de experiência, para Montaigne, é, em primeiro lugar, o *mundo* que a ele resiste: são os objetos que o mundo oferece à nossa apreensão, em outras palavras, o mundo que nos cerca, o conhecimento que já existe, o pensamento que já foi elaborado e abordado por alguém. Sob o aspecto reflexivo, a vertente subjetiva do ensaio, a consciência de si desperta como uma nova instância do indivíduo, instância que considera a atividade do julgamento, que observa a capacidade do observador, ou seja, refletirmos e reagirmos sobre um assunto já existente e colocar o nosso ponto de vista (Starobinski, 2011, p. 17-19). Pesar/ponderar sobre algo que já conhecemos (teoria) dialogando com outros assuntos e colocando uma opinião e uma reflexão pessoal (prática).

A ideia de ponderar a teoria e a prática que Montaigne considerava ao redigir um ensaio, independente do tema, se reforça com o pensamento de Starobinski (2011, p. 19) de que, o que se põe à prova num texto ensaísta, é exatamente a capacidade e o poder de experimentar, a possibilidade de fazer julgamentos e observações. Ainda segundo o autor, para que um ensaio seja de fato um ensaio, o autor do texto precisa se autoensaiar. Em outras palavras, de acordo com Starobinski (2011, p. 19), para Montaigne, no ensaio o exercício da reflexão interna é inseparável da inspeção da realidade exterior, ou seja, não é possível separar a realidade dos nossos pensamentos.

Tais definições se reforçam com o conceito do próprio Montaigne, em sua obra *Os Ensaios: uma seleção*, sobre a interpretação de conteúdos já existentes, essencial para elaboração de um ensaio. Para Montaigne, existe um esforço muito maior em interpretar as interpretações já existentes, do que em interpretar as coisas que estão ao nosso redor. Existem mais livros sobre outros livros já existentes, que livros sobre novos assuntos. Ainda para Montaigne, os seres humanos não fazem mais do que explicar uns aos outros. Existem muitos comentários sobre conhecimentos já existentes e uma grande escassez de autores de fato (Montaigne, 2010, p. 515).

Marshall McLuhan, por sua vez, em sua obra *Os meios de comunicação como extensões do homem*, também menciona Montaigne e sua capacidade de recorrer à página escrita para dialogar com o mundo que o cerca, relacionando o ensaio com o veículo de comunicação, o rádio. Na realidade, McLuhan recorre ao autor de radionovelas Jean Shepherd, da cadeia WOR, de Nova Iorque, e a comparação que ele fez do próprio trabalho com Montaigne. Shepherd definiu o rádio como um novo meio de comunicação para a nova forma de novela desenvolvida por ele.

McLuhan comenta que o microfone é a caneta e o papel de Shepherd e que sua audiência e o conhecimento que o autor das novelas tem dos acontecimentos diários do mundo – de certa forma, seu repertório – pois fornecem os personagens, as cenas e o clima das produções criadas por ele. Shepherd pensava que, assim como Montaigne foi pioneiro em usar uma página para registrar suas reações diante do novo mundo dos livros impressos, ele fora o primeiro a usar o rádio como uma forma de ensaio. Shepherd via suas histórias como romances destinados a registrar o pensamento comum de um novo mundo, um mundo de participação humana unilateral frente aos acontecimentos humanos, sejam eles, particulares ou coletivos (McLuhan, 2007, p. 341).

Por fim, ainda relacionado ao contexto do ensaio abordar o repertório teórico já existente e a experiência prática, e apesar de termos exposto no início do presente capítulo que Starobinski abre seu ensaio lançando duas questões e que uma delas menciona que o ensaio é uma prática que não se submete a regra alguma, é interessante destacar que o autor (2011, p. 20) volta a recorrer a Montaigne com o anúncio de uma regra de conduta inerente ao ensaio, enquanto método, que concilia a cumplicidade que cada indivíduo deve a si próprio, com a cumplicidade que todos os seres humanos devem à sociedade e a tudo o que vive ao nosso redor.

O autor continua seu texto detalhando a relação entre o ensaio da fala e da escrita. Segundo Starobinski (2011, p. 21), para Montaigne, escrever por si só já é ensaiar. Quando escrevemos, nos renovamos, nos reinventamos, sempre com o objetivo inédito e espontâneo de alcançar o leitor no seu ponto mais sensível. Quando conseguimos, forçamos o leitor a pensar e a sentir de forma mais intensa, além de surpreendê-lo, escandalizá-lo, provocá-lo a reagir e a responder ao que escrevemos. Era o que Montaigne buscava ao escrever seus ensaios, escrevendo, ele pretendia reter sua própria voz viva. Montaigne “sabia que *a palavra é metade de quem fala, metade de quem a ouve*”. Este raciocínio faz muito sentido quando pensamos que, ao escrever, fazemos algum tipo de mediação com algum conhecimento prévio que adquirimos, contudo, quando um receptor lê nosso texto, ele também media a informação ali escrita com seu repertório próprio.

Encaminhando seu ensaio para o final, Starobinski sugere que o ensaio é o gênero literário mais *livre* que existe. Ele crê que a condição, e ao mesmo tempo, o desafio do método, é a liberdade do espírito (Starobinski, 2011, p. 21-22).

O ensaio literário, como hoje normalmente é praticado, geralmente vai no rastro de um único escritor, segue-o em seu movimento, instala-se em sua consciência, o escuta

de forma privilegiada. O ensaio, método que lê o mundo e se dá a ler, exige a mobilização simultânea de uma hermenêutica e de uma audácia aventurosa. Em nenhum momento, o ensaio deve romper seu compromisso com a clareza e a beleza da linguagem. Enfim, o ensaio deve soltar as amarras e tentar, por sua vez, ser ele mesmo uma obra, de sua própria e vacilante autoridade (Starobinski, 2011, p. 23-24).

Como uma forma de conectar tudo o que Starobinski detalha em seu ensaio e o que procuramos resumir neste capítulo, usando o autor e seu texto como fundamentação, vale destacar a citação de Montaigne que Starobinski (2011, p. 20), de maneira muito oportuna, insere em seu ensaio: “Sou eu mesmo a matéria de meu livro”.

FLUSSER COMO EXEMPLO DE ENSAIO ESCREVENDO SOBRE O MÉTODO

Mesmo sendo um texto curto, *Ensaio* de Vilém Flusser, se mostra como um ótimo exemplo do método, pois além de ser um ensaio que fala sobre o método em si, é também, um texto que apresenta uma característica do autor, em evitar usar aspas para dialogar com outros autores, pensadores e filósofos, pois Flusser busca relacionar o seu pensamento com os deles.

Assim como Starobinski faz em seu ensaio *É possível definir o ensaio?*, Flusser (1998, p. 93) também abre seu ensaio com a reflexão questionadora se devemos formular nossos pensamentos, no que ele determina como estilo acadêmico (tratado) ou se devemos recorrer a que ele nomeia por “estilo vivo”. O que já podemos adiantar é que, para o autor, esse chamado estilo vivo se trata do ensaio enquanto método de escrita.

Segundo Flusser, ao optar por escrever um texto com o estilo acadêmico ou com o estilo vivo, a decisão tomada afetará profundamente o trabalho a ser feito, porque diz respeito ao conteúdo do texto (Flusser, 1998, p. 93).

Para ele, no ensaio o “eu” substitui o “nós” ou o “se”. O academicismo do “nós”/“se” minimiza a responsabilidade do autor, no estilo vivo do “eu” assumimos uma responsabilidade (Flusser, 1998, 94-95).

Sendo assim, Flusser (1998, 94-95) busca estabelecer a diferença entre um tratado e um ensaio. No caso do tratado, pensamos o assunto e discutimos com “meus outros” (explicamos o assunto). Já no caso do ensaio, vivemos o assunto e dialogamos com os “meus outros” (nos implicamos no assunto).

Essas definições também se relacionam com o conceito da experiência que viemos abordando no presente artigo, uma vez que esse diálogo com os “meus outros” caracteriza a mediação entre a teoria e prática.

Fazendo uma relação com o texto *Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico*, de autoria de Dimas Künsch e Renata Carraro (2012, p. 36), um dos objetivos do ensaio, é fazer com que a ciência converse com “discursos normais que circulam na sociedade”, ou seja, fazer uma relação com algo que já está presente e circula na sociedade.

Para Flusser (1998, p. 96), as ciências pendem para o tratado (acadêmico) e a filosofia pende para o ensaio (estilo vivo). Contudo, às vezes, dentro da própria filosofia, o ensaísmo é difícil. Tendo isso em mente, o autor cita o exemplo de escrever um texto sobre a “anatomia das baratas”. Sob o ponto de vista de Flusser, é muito difícil fazer um texto que não seja acadêmico para um assunto como esse. De maneira “natural”, se acaba caindo no texto acadêmico, contudo, ele faz o contraponto com a obra *Metamorfose* de Franz Kafka, um ensaio que aborda, de certa forma, a “anatomia das baratas” (Flusser, 1998, p. 94).

Outro conceito importante abordado por Flusser em seu ensaio, é que a vulnerabilidade do academicismo é diferente do ensaísmo. No texto acadêmico, se invalidamos o pensamento de um filósofo, invalidamos seu tratado. Para invalidar um ensaio, não basta invalidar o pensamento de um filósofo, é preciso também desautenticar sua atitude (Flusser, 1998, p. 96), invalidar a sua experiência não somente perante o assunto, mas também ao mundo que o cerca e ao conhecimento adquirido por ele. Por esse motivo, de certa forma para o autor, o ensaio, apesar de nos posicionarmos e assumirmos uma opinião, acaba por ser menos vulnerável que o academicismo.

Ainda tendo Flusser como fundamentação, contudo, com sua autobiografia filosófica *Bodenlos*, podemos destacar a opinião do autor que aproxima o ensaio da arte, além de representar a pluralidade do método. Para Flusser (2007, p. 83) o ensaio é uma forma de escrita híbrida que transita entre a poesia e a prova, entre a filosofia e o jornalismo, entre o aforismo e o discurso, entre o tratado acadêmico e a vulgarização, entre a crítica e o criticado. Para ele, o texto ensaísta se constitui em um universo que é o *habitat* apropriado para o “exilado nos picos do coração”. Segundo o autor, uma das ambivalências do ensaio é seu caráter monológico e dialógico, ou seja, ser monólogo em busca de respostas.

Retomando o conceito da vulnerabilidade, porém, agora voltada ao ensaio, Flusser (1998, p. 95) define que optar por redigir um ensaio significa assumir um risco de se perder no assunto e de perder o assunto.

Esse pensamento de Flusser dialoga com o texto *O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico*, de Víctor Gabriel Rodríguez (2012, p. 12), quando este descreve que o risco do ensaio pode ser a fuga da pesquisa necessária, até porque, narrar/contar uma história, ainda necessita de pesquisa e de fundamentação.

Por fim, Flusser (1998, p. 96) conclui que tudo o que citamos aqui referente à vulnerabilidade e aos riscos do ensaio são os perigos, mas também a beleza do método.

Aqui, mais uma vez, dialogando com o ensaio *Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico* de Künsch e Carraro (2012, p. 34), em muitos casos, textos científicos não são atrativos para o leitor, uma vez que podem ser uma forma de comunicação que não comunica. Pois é como o próprio Flusser (1998, p. 94) define: “Ninguém pensa academicamente. Faz de conta que assim pensa”.

Diante disso, podemos entender que essa é a proposta fundamental do ensaio, redigir uma comunicação que comunique, uma informação que informe. Escrever de uma forma atrativa que faça com que as pessoas interajam e estabeleçam relações com o tema proposto, de acordo com a própria experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos entender o ensaio, objeto de estudo do presente artigo, como um diálogo que gera uma aproximação entre sujeito e objeto pesquisado, com a intenção de desenvolver um processo significativo da construção do conhecimento, compreendendo-o como algo multidisciplinar e integrador que vai além da pura racionalidade. Um método de escrita que apresenta uma abordagem problematizadora na qual se sobressai o espírito crítico e a originalidade, ao mesmo tempo, que ressalta a complexidade do pensamento, a diversidade da experiência humana e a historicidade na construção do conhecimento, desde uma perspectiva dialógica entre teoria e prática

Sendo assim, podemos compreender que quando se escreve a partir da experiência, a presença da autoria, como defesa de uma argumentação se explicita. Portanto, é nosso objetivo apresentar a proposta de que a experiência pode ser vista como

protagonista em um método de elaboração do pensamento que ressignifica conceitos práticos, para que a teoria adquira sentido e função, sempre com base no mundo real que nos cerca. E que também abre espaço para uma interpretação mais subjetiva e reflexiva, onde o autor encontra a liberdade de expor seu ponto de vista e é instigado a posicionar-se frente ao assunto.

Os argumentos em um texto ensaístico permitem uma maior abertura para a reflexão crítica do objeto de estudo, baseada em um conhecimento que reúne fundamentação teórica e vivência. É uma contribuição interpretativa que propõe a construção do conhecimento embasada na ideia de fragmentação e multiplicidade de pontos de vista, uma função mais questionadora, que está preocupada em propor mediações, ao invés de verificar verdades absolutas. Propondo uma reflexão que vai além da estrutura lógica e determinista do discurso científico, assim criando a possibilidade de se estabelecer novos olhares e novas formas de interpretação conceitual, que reconhecem as complexidades e os conflitos presentes no próprio objeto de estudo. Além de admitir que a realidade é instável e está em constante mudança, o que abre caminho para novos olhares e novas interpretações.

O ensaio como prática de construção textual pode ser um caminho interessante para a construção de uma argumentação na área de comunicação, já que é uma área do conhecimento que lida tanto com o caráter científico, quanto artístico e acima de tudo necessita da experiência, pois o diálogo só acontece a partir dela. O caráter criativo e livre, associado ao valor teórico, presentes na forma ensaística permite uma maior aproximação com o mundo real e cotidiano. Por outro lado, o ensaio propõe uma relação mais dialógica entre autor e leitor, assim privilegiando a compreensão, um pensamento mais complexo e multifacetado do que o entendimento e que permite o sujeito posicionar-se frente às questões da vida.

Esperamos também que o presente artigo amplie os horizontes conceituais e incentive a reflexão do método ensaístico como uma forma de escrita acadêmica, pois valoriza a autoria, ao unir a liberdade de expressão ao repertório e, por consequência, a uma experiência. Algo de extrema relevância, em tempos, que a tecnologia cria instrumentos que buscam substituir o pensamento crítico pelo pensamento lógico, minimizando a importância da experiência, fator fundante de um pensamento com caráter crítico, fundamental para a construção do conhecimento.

REFERÊNCIAS

AIRA, Cesar. O ensaio e seu tema. *In: Revista Landa, Santa Catarina, vol. 7, nº 1, p. 232-238, 2018. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/id/30d4ede4-af6a-4de6-983f-3d4eb95dbac5/15%20O%20ensaio%20e%20seu%20tema%20C%C3%A9sar%20Aira.pdf>>. Acesso em: 15 de ago. de 2023.*

ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma (págs. 15-45). *In: Adorno, T. W., Notas de Literatura I. Tradução Jorge de Almeida, Ed. 34, Coleção espírito crítico, 2003.*

BENJAMIN, Walter. Linguagem, Tradução, Literatura (Filosofia, teoria e crítica) ed Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 58-71, 2018.

_____. Sobre o conceito da história. *In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política - obras escolhidas, v. 1. 3. ed. S. Paulo: Brasiliense, 1987.*

FLUSSER, Vilém. Bodenlos: uma autobiografia filosófica. Vilém Flusser. Revisão Técnica: Gustavo Bernardo – São Paulo: Annablume, 2007.

_____. Ensaaios. *In: Ficções filosóficas. São Paulo: Edusp, p. 93-97, 1998.*

KÜNSCH, Dimas A.; CARRARO, Renata. Comunicação e pensamento compreensivo: o ensaio como forma de expressão do conhecimento científico. *Líbero, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 33-42, jun. de 2012.*

LARROSA, Jorge. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. *In: Educação & Realidade, 28(2), 2003. In: Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.*

STAROBINSKI, Jean. É possível definir o ensaio? *Remate de Males, 31, p.13-24, dez. 2011.*

MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem / Marshall McLuhan ; tradução de Décio Pignatari. – São Paulo : Cultrix, 2007.

MONTAIGNE, Michel de. Os Ensaios: uma seleção / Michel de Montaigne; organização M. A. Screech; tradução Rosa Freire d’Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PÉCORA, Alcir. O Ensaio na época da morte do ensaio. *In: Miscelânea, Assis, v. 27, p. 181-95, jan.-jun. 2020. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/miscelanea/article/view/1904>>. Acesso em 10 de ago. de 2023.*

RODRÍGUEZ, Víctor Gabriel. Introdução. *In: O ensaio como tese: estética e narrativa na composição do texto científico. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. 11-28, 2012.*